

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

SERTÃO: O “ESPAÇO PERCEBIDO” SEGUNDO GUIMARÃES ROSA

Nelson de Sena Filho*

RESUMO

Uma das obras-primas da literatura brasileira, escrita por Guimarães Rosa, recebeu o nome de *Grande Sertão: Veredas*, em que, uma “travessia” no sertão do nordeste do país, é um dos temas recorrentes. Neste sertão (que se assemelha em seus aspectos simbólicos e geográficos ao deserto literário universal e bíblico), tem lugar uma travessia de “homens humanos”, que é, tanto exterior (pelas estradas da geografia sertaneja) quanto interior e existencial (pelo “roteiro de Deus”). Esta travessia percorre, segundo o autor, o “miolo mal do sertão”, que se transmuta em uma grande metáfora geográfica e literária.

A partir da estrutura espaço-temporal da narrativa de Guimarães Rosa, o presente estudo analisará a categoria “Sertão”, de grande interesse para a Geografia, objetivando, com este trabalho, analisar dois sistemas espaciais: uma “geografias poética” e um espaço literário.

Desta forma, Guimarães Rosa re-cria um espaço, a saber, a “categoria sertão”, que é sem dúvida, uma das mais impressionantes representações construídas no Brasil, e que condensa uma pluralidade de significados, um entremeado de imagens fugidias e associações apenas entrevistas. Em *Grande Sertão: Veredas*, este sertão recebe um sem número de definições, que às vezes se complementam e às vezes se contradizem. Este sertão de Guimarães Rosa é (re)-criado através do processo de retirar fragmentos de uma Geografia real, que ele conhecia a fundo, para, a seguir, num processo de desmontagem, inventar um novo espaço, que surge da desarticulação deste mapa, cuja finalidade é a (des) construção desse sertão chamado Brasil.

PALAVRAS-CHAVES: Geografia poética; Literatura e Geografia; Espaço real e literário.

Em sua famosa entrevista a Günter Lorenz, Guimarães Rosa se define como sendo “*um homem do sertão, fabulista por natureza*”, e que este mesmo sertão seria o “*terreno da eternidade e da solidão, onde o interior e o exterior já não podem ser separados*”, afinal, no “*sertão o homem é o eu que ainda não encontrou o tu*”.¹ Na figura do narrador Riobaldo, o autor, este demiurgo da

* Centro Universitário de Caratinga – Doutor em Geografia

¹ Citado pelo próprio Guimarães Rosa em sua famosa entrevista a Günter Lorenz, em Rosa, João Guimarães, *Ficção Completa* em dois volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

linguagem, nos legou, em um retrato paradoxalmente local e universal, desta “*categoria sertão*”, que é sem dúvida, uma das mais impressionantes representações construídas no Brasil, e que “condensa uma pluralidade de significados, um entremeado de imagens fugidias e associações apenas entrevistas”, (SENA, 1998, p.22). Em “*Grande Sertão: Veredas*”², este sertão recebe um sem número de definições, que às vezes se complementam e às vezes se contradizem.

A travessia que se realiza por este sertão é humana, demasiadamente humana, sendo, tanto exterior (pelas estradas da vida terrena) quanto interior, (pelo “*roteiro de Deus*”), percorrendo sempre o “*miolo mal do sertão*” (GSV, p. 40), que se transmuta em uma grande metáfora geográfica. Retirando fragmentos desta Geografia real, o autor desloca, desmonta e recompõe livremente a sua travessia neste sertão, que metamorfozido, ao mesmo tempo em que “*está dentro de nós*”, é também “*do tamanho do mundo*”. Neste espaço relativizado, “a dureza geofísica do sertão perde o peso da referencialidade, para expressar uma realidade ambígua e heterogênea, ao mesmo tempo local e universal” (FANTINI, 2003, p.115). Este sertão é, também, o terreno da eternidade e da solidão, um lugar da memória, com existência simbólica, atemporal e ageográfica, onde se fala, segundo o próprio Rosa, a língua de Goethe, Dostoevski e Flaubert. Bolle (1998) afirma que esta linguagem inventada do Grande Sertão rerepresentaria a construção da cidadania através da energia da linguagem.

Desta forma, este espaço produzido, esta categoria sertão, representaria um “*signo construtivo da identidade nacional que se reconhece como universal mesmo nas suas manifestações mais locais*” (PIMENTEL, 1997, p.22). O sertão de Riobaldo seria o lugar do estranho, da perplexidade, do demoníaco, do sagrado, ou seja, o lugar próprio do ser humano, onde “*o homem*

² Rosa, 2001. Citado daqui em diante “GSV”.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

tem que ter a dura nuca e a mão quadrada... onde é bobice qualquer resposta, e é aí que a pergunta se pergunta” (GSV, 126). O sertão de Guimarães Rosa é um “*sertão é velho de idades*”, para onde “*os dias que são passados vão indo em fila*” (GSV, 327). Local de uma travessia dantesca, no sentido existencial, onde o ser humano, como Jó é posto à prova. Esta viagem do homem humano, realizada no tempo do homem mortal, realiza-se em um lugar emblemático, “*um espaço que todos nós atravessamos sem atravessar*” (FINAZZI-AGRÒ, 2002, p. 126). Talvez por isso, um crítico tenha dito que Guimarães Rosa havia inventado uma nova “*Landschaft literária*.”³

Sena, (1998) afirma que este sertão é menos uma coisa sobre a qual se pensa e mais uma coisa através da qual se pensa. Para Bolle, (2002), o sertão é uma forma de pensamento, que como um médium dissolvente, possibilita, a transformação de uma imagem que se configura como uma imagem arcaica, no sentido de que se trata de camadas míticas e mitologizantes do texto em uma imagem dialética ou histórica, dotada de teor político e histórico. Como um intérprete dos sonhos coletivos, ele traduziria as imagens arcaicas em dialéticas, tornando-as legíveis enquanto informações históricas. Este sertão é, sem dúvida, “*o grande excitador da energia nacional*” (AZEVEDO, 1963, p. 98).

Esta “*forma de pensamento*”, ocorre em Guimarães Rosa, como um deslocamento das narrativas sobre o sertão. Euclides da Cunha, por exemplo, em “*Os Sertões*”, é um estabelecido falando sobre outsiders (ELIAS, 2000), um narrador distanciado, que utiliza seus parâmetros para falar do outro, um “*colonizador disfarçado*”, tentando reproduzir a voz do sertanejo, com o objetivo de conseguir a heroização das vítimas como uma catarse para compensar o cenário da tragédia (BOLLE, 2001). Em Grande Sertão: Veredas, a voz do sertanejo não é reproduzida, ela é cedida a

³ Em Rosa 1994. Uma nova nova “*Landschaf*” - paisagem literária: para o sentido de Landschaft e uma melhor compreensão desta citação, ver, AMORIM FILHO, 1998: A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

ele, que tem sua linguagem re-inventada, através de um profundo mergulho de Rosa na dimensão lingüística da sociedade sertaneja. Esta “*poética da dissolução*”, que é o Romance de Rosa, faz afinal, o “*sertão virar mar*”, numa reviravolta do conceito de sertão dentro do processo de alteridade/colonização (VICENTINI, 1998). Segundo o próprio Guimarães Rosa⁴, “*os superlativos sinceros*” de Euclides da Cunha criaram um quadro que era como se “*os últimos vaqueiros reais houvessem morrido no assalto final a Canudos*”. Com sua reescrita crítica de “Os Sertões” (BOLLE, 1998, 2001), Guimarães Rosa (re)cria um sertão que, mais que um lugar geográfico ou uma forma de organização, é “*uma forma de ser*”, que está dentro de nós. Por isto mesmo é que o “*Sertão é uma espera enorme*”, um “*espaço caótico... região/razão bastarda, para o qual não existem fronteiras certas*” (FINAZZI-AGRÒ, 2002, p. 127), e onde os acontecimentos coincidem com aqueles estudados por Clifford Geertz, em seu “*Negara: O Estado-Teatro no século XXI*”:

o real é tão imaginado como o imaginário...e onde os dramas... miméticos de si mesmos, não eram, ao fim e ao cabo, nem ilusões nem mentiras, nem prestidigitação nem faz de conta. Eles eram o que existia. (GEERTZ, 1991, p. 171).

O Sertão de Riobaldo e a Geografia

Um dos primeiros artigos escritos sobre este tema foi, sem dúvida, “*Guimarães Rosa e a Geografia*”, de 1969, por Vílem Flusser, publicado na *Kriterion: Revista de Filosofia da UFMG*. Neste artigo, Flusser, que havia dialogado pessoalmente com Guimarães Rosa, tentava segundo o autor defender a tese de que Guimarães Rosa projeta, em seu livro, um universo pós-histórico, usando o sertão brasileiro como pretexto. Para isto, Rosa constrói uma imagem fenomenológica do

⁴ João Guimarães Rosa, em *Pé-duro, Chapéu de couro*, no livro *Ave Palavra.*, em ROSA, 2001.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

sertão em sua obra que é “*um grito vitorioso da vida no abraço estreito e angustiante da morte. Esta é a Geografia metafísica e teológica da obra*” (FLUSSER, 1969, p. 277). Atravessar este sertão, que mais que um lugar abandonado, é o lugar do ser abandonado, é como atravessar o deserto do Sinai bíblico. No sertão também ocorre uma revelação, só que motivada agora por uma epifania demoníaca, que seria para Rosa apenas um pretexto para provocar uma nova revelação do ser e “*substituir a revelação cansada e profanada da tradição do ocidente*” (FLUSSER, 1969). Concluindo seu artigo, Flusser diz que a obra rosiana representaria uma contribuição fundamental do Brasil para a cultura universal e que teria como motivo a Geografia sertaneja.

Uma outra abordagem nos estudos sobre a Geografia e a literatura de Guimarães Rosa, foi feita no campo da teoria marxista, que, no entanto, oferecia mais uma crítica do que apresentava novos caminhos. Esta crítica preconizava que a obra rosiana oferecia um “*perigo*”, na medida em que criava um mito nacionalista baseado num remanescente arcaico de cunho conservador e místico. Já os estudos que discutiam a Geografia e a Literatura de Guimarães Rosa, pela orientação da percepção, se mostraram bastante fecundos, como mostram, principalmente, os estudos de OLIVEIRA, (2002); LIMA (1993; 1999), e WANDERLEY e MENÊZES (1999). Apoiando-se nos estudos, principalmente, de YI-FU TUAN (1980, 1983), procuram demonstrar como era possível, realizar “*uma leitura e análise geográfica do romance Grande Sertão: Veredas*” (LIMA, 1999, p.153), onde os conceitos fundamentais da percepção eram aplicados, e o sertão era visto sob a ótica de conceitos específicos da Geografia humanística, tais como: lugar – espaço– topofilia – topofobia - afetividade geográfica etc.

Segundo Amorim filho (1999), no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, os trabalhos desenvolvidos na Geografia e em outras ciências estavam marcados por suas orientações

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

epistemológicas principais: de um lado as abordagens de cunho neomarxistas e de outro as sistematizações neopositivistas. O resultado foi um quadro teórico de excesso de abstração e de teorização. “*O contato com a realidade concreta e as representações que dela fazem os homens foi relegado a um plano secundário pelas duas*” (AMORIM FILHO, 1999, p. 140). Criticando estas duas correntes, e priorizando a percepção, as representações, atitudes e valores do “homem humano” em geral, este movimento recebeu o nome de estudos de percepção ambiental, e, dentro da Geografia foram agrupados no que se convencionou chamar de “*Geografia humanística*”.

Embora, como tenha sido demonstrado por Amorim Filho (1999) , a Geografia humanística tenha raízes bastante antigas, a mais abrangente de todas estas contribuições foi a do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, responsável pela criação e difusão de termos tais como topofilia, topocídio e outros. O termo topofilia pode ser definido, em sentido amplo, incluindo “*todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural*” (TUAN, 1980, p. 107). Já, “*Espaço*” e “*Lugar*” seriam “*termos familiares*” que indicariam experiências comuns: o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade; estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O espaço é mais abstrato que o lugar, pois, “*o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o dotamos de valor*” (TUAN, 1983, p.6), isto é, a medida que este espaço adquire definição e significado. Comparado com o espaço, o lugar seria um centro calmo de valores estabelecidos, pois, ainda segundo Tuan, o espaço fechado e humanizado torna-se um lugar.

Utilizando estes conceitos chaves, além de outros, o sertão rosiano passou a ser analisado sob a ótica desta forma de “*fazer Geografia*”. Assim, “*discorrer, do ponto de vista da Geografia sobre o sertão rosiano é percorrer uma paisagem perceptiva, cognitiva e afetiva do Brasil*” (OLIVEIRA, 2002 p. 234). Outro estudo, também da percepção, enfoca o espaço e o lugar em Grande Sertão:

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Veredas, como um “*espaço conhecido toponimicamente, valorizado em suas imagens e paisagens vividas...*”. Ainda segundo a autora, “o sertão como mundo vivido é estruturado e ordenado diferencialmente, sendo re-interpretado de vários modos por Riobaldo, como espaço, paisagem e lugar”. Desta forma o sertão rosiano seria um lugar, “embora não deixe de todo a sua contraparte de ser espaço” (LIMA, 2003, p.765).

Temos ainda, dentre as análises geográficas de Grande Sertão: Veredas, aquela feita pelo Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que escolheu como mote de seu trabalho “*a vertente da experiência vivida*”. Dedicando-se aos estudos do “*conteúdo geográfico sobre as tramas romanescas*”, desde os anos oitenta, para ele, o sertão de Riobaldo tem três caracteres definitivos: a) o sertão é uma unidade na diversidade: sua Geografia física apresenta um quadro de feições variadas e cuja complexidade leva a uma b) imprecisão de limites, com seus horizontes fugidios, segundo a percepção dos próprios habitantes, sendo que esta percepção está ligada a c) sensação interior de isolamento (MONTEIRO, 2002).

Estes três aspectos formariam o “*vínculo indissolúvel entre o ‘real’ e o ‘mítico’ na Geografia do sertão*”. Na narrativa as referências aos lugares e acidentes geográficos, seriam ora reais, ora inventados pelo escritor que transgride o léxico, cria palavras, trata a língua como coisa dinâmica, por que não transgrediria a realidade geográfica? A função do geógrafo seria pois, descortinar este sistema, marcado por um jogo de interações e correlações: “*O Homem, ser social, vivendo num dado espaço, num certo tempo, em sua travessia lida com a realidade – moldura de sua identidade-, e o metafísico (a sobrecoisa) que lhe traça o destino*”. (MONTEIRO, 2002, p.221) Monteiro conclui seu texto falando da necessidade de promover a relação Geografia -Literatura, como possibilidade de complementação enriquecedora.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Pluralidade Epistemológica

Amorim Filho (1993), em estudo sobre a evolução do pensamento geográfico em suas mais recentes formas, afirma que a presença da Geografia Humanística, é mais uma alternativa que veio enriquecer e matizar o fazer geográfico, e isto, evidentemente, sem eliminar as várias outras alternativas. Esta forma de “fazer Geografia”, plural e complexa, passa hoje, sem nenhuma dúvida por uma retomada de consciência epistemológica, cujo arsenal teórico está muito mais próximo da interpretação de Feyerabend-Lakatos, do que daquela de Thomas Kühn. Afinal, mais que Revoluções Científicas e seus paradigmas, observamos neste emaranhado pós-moderno, e não só na Geografia como em todas as Ciências, uma era de incertezas, onde, a diversidade, a perplexidade e a pluralidade são, certamente, os conceitos mais disseminados. Esta evolução epistemológica, seria marcada por uma nova sensibilidade (AMORIM FILHO, 1993), e pela inserção da Geografia nas questões “*pós-modernas*”, tais como a Complexidade e o Caos. O resultado seria uma,

evidente flexibilização das orientações paradigmáticas leva a uma constatação interessante para a Geografia: ela avançará por fronteiras antes inimagináveis, mas sem perder suas referências fundamentais, suas teorias e seu objeto de estudo. (SENA FILHO, 2004)

Dentro desta perspectiva, e diante do exposto até aqui, pretende-se apontar alguns caminhos para a análise do sertão rosiano através de uma Geografia que tenha como base a pluralidade epistemológica e esta “*nova sensibilidade*” proposta por Amorim Filho. De início deve-se ressaltar

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

que a Geografia Física, não deve ficar de fora deste diálogo com Guimarães Rosa, pois, segundo Antonio Candido⁵, “*O meio físico tem para ele uma realidade envolvente e bizarra, servindo de quadro à concepção de mundo e suporte do universo inventado*”. (CANDIDO, 1957) Este sertão de que fala Guimarães Rosa, não é o do nordeste, do polígono das secas, é outro, bem menos conhecido: é o sertão do estado de Minas Gerais.

Este sertão que já foi visitado por naturalistas como Ferdinand Denis e Spix e Martius que deixaram relatos preciosos sobre os sertões das Gerais. Mas, ao contrário de Bolle não imaginamos que os “*naturalistas abandonam o discurso da ciência positiva, para falar da percepção de um espaço virtual, imaginário, metafísico*” (BOLLE, 1998, p.264). Ferdinand Denis, que aqui viveu entre 1816 e 1831 e falando de um sertão nada virtual afirma que, esta região, o sertão de Minas Gerais, apresenta “*tão vastas solidões*” e “*pobres aldeias... nenhuma instrução... numa palavra, uma profunda indiferença por tudo que existe além de sua solidão*” (DENIS, 1980, p.384).

Spix e Martius, que atravessaram o sertão mineiro em 1818, falam perplexos de uma região que ora apresenta um sol causticante que já havia ressecado o verde viçoso da vegetação, com uma atmosfera quente, leve e seca, e que ora apresenta “*uma das mais bonitas regiões que conhecemos no Brasil*” (SPIX e MARTIUS, 1976, p.73), um buritizal, com uma “*linda mata de palmeira*”, em pleno deserto. “*O Sertão é o sertão*”, afinal, o “*sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra.*” Ab’Saber, explicando o porque desta mudança de paisagens afirma que, a partir do “*ambiente de uma serra úmida sempre se desce para atingir o ambiente quente, seco e abafado dos sertões*” (AB’ SABER, 1999, p.14), estas feições interplanálticas são heranças de uma longa história fisiográfica, resultado de um longo e complexo processo de erosão. Este é o “*sertão que se alteia e*

⁵ Retirado da Fortuna Crítica, de Rosa, João Guimarães, Ficção Completa em dois volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

se abaixa”. Mas esta mesma geografia Física é incompleta para traduzir o sertão que está dentro da gente, e que é do tamanho do mundo. O sertão não delimitável e eterno.

Por isso a Geografia Humana, com suas orientações epistemológicas que abrigam o marxismo e a fenomenologia podem dar continuidade a esta árdua tarefa de desvendar o sertão rosiano. A análise marxista “*concebe o espaço como um produto social, chamando a atenção para o fato de que, além de se preocupar com a ocorrência (ou não) de padrões de análise espacial*” (SENA FILHO, 2004, p. 37). Ela se preocupa em analisar os interesses sociais envolvidos nos processos relacionados à produção deste espaço. Dentre os vários autores que se debruçaram sobre esta tentativa de realizar uma “*produção social do espaço*”, ou como chamou Henri Lefebvre, num livro clássico, “*La production de l’espace*”, talvez, o que mais tenha contribuído para esta difusão marxista na Geografia tenha sido David Harvey, com seu livro, *A justiça social e a cidade*.

Harvey é citado como um dos representantes maiores da escola da Ciência Social Marxista. Professor da Cadeira de Geografia Halford Mackinder da Universidade de Oxford desde 1987, é conhecido também por suas obras, como *The limits to capital, The urban experience, e Explanation in geography*. Para Harvey (1980), Marx viu o que ninguém antes tinha visto: que os inumeráveis dualismos que cercam o pensamento ocidental (entre o homem e a natureza, entre o fato e valor, entre sujeito e objeto, entre liberdade e necessidade, entre mente e corpo e entre o pensamento e a ação) podiam ser resolvidos somente através do estudo da prática humana e, quando necessário, através de sua criação. A análise marxista, talvez ajude a elucidar o “*protagonista intrínseco do romance e da obra de Guimarães Rosa como um todo, isto é, a multidão dos marginalizados e excluídos*” (BOLLE, 2202, p.353), que representam as populações de baixo e que foram retratadas em estudos como o de Galvão sobre a plebe rural. Afinal, em 1958, Rui Facó já fazia a relação de

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

Grande Sertão: Veredas com o problema da terra no Brasil (FACÓ, 1958). Mas também a Geografia marxista é insuficiente para realizar a mais completa tradução do sertão rosiano. Como explicaria ela, sob o viés das desigualdades econômicas, as contradições de um espaço, onde, “*o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar*”

A Geografia Humanística, outra das grandes vertentes epistemológicas da Geografia, propunha uma abordagem nova, sobre os mesmo velhos temas, a saber: a natureza do conhecimento geográfico e seu papel na sobrevivência humana; o papel do território no comportamento humano e na criação das identidades dos lugares; as inter-relações entre as aglomerações humanas e a privacidade, mediada pela cultura; o papel do conhecimento. Sobre o modo de vida e a influencia da religião sobre a atividade humana. (JOHNSTON, 1986) Como vimos, esta perspectiva rendeu grandes estudos relacionando a Geografia com a obra rosiana. Ao se estudar os grandes temas da percepção, como lugar e espaço e topofilia e topocídio, elaborou-se um profícuo dialogo entre a Geografia Humanística e a Literatura. Descortinou-se o “*Lugar/sertão, enquanto espaço conhecido topofilicamente, valorizado em suas imagens e paisagens vividas*” (LIMA, 2003, p. 765).

Mas também a Geografia Humanística não corresponde à imagem totalizadora do sertão de Guimarães Rosa. Afinal, para Riobaldo, este mesmo sertão se apresenta como um “lugar” cheio de afetividades e como um espaço indiferenciado. Ao mesmo tempo em que ele recorda do sertão, como sendo os dias em que ele viu “*as cores do mundo*” (GSV, 164) e que era motivo de grata recordação: “*quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo*” (GSV, 42) ele também se figura como um espaço aberto e infindável, um lugar topofílico: “*o sertão era todo incerto*”, pois, o “*sertão é o sozinho*”, afinal, ele, o sertão, “*tem medo de tudo*” (GSV, 329). Este mesmo “espaço” em que Riobaldo viveu o melhor de seus dias, era também um espaço de topofobia:

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo, nem raiz? Não tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve... o sertão tonteia” (GSV, 331).

O sertão, é, ao mesmo tempo um “*lugar*” no sentido da percepção, cheio de afetividades, e um “*espaço*”, indiferenciado, aberto e cheio de perigos onde ocorre o melhor de seus dias. “*O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca*” (GSV, 601).

Assim, mesmo recorrendo a todas as matizes geográficas, resta uma impossibilidade: a racionalidade de qualquer ciência é insuficiente diante de uma obra literária desta magnitude. A Geografia ainda não dispõe de teorias suficientes para descortinar o sertão de Guimarães Rosa. Mesmo recorrendo a todas as suas matizes, seja ela física, marxista ou humanística, o resultado final ainda será sempre de incompletude, sempre de busca, de um espaço que afinal, está ao mesmo tempo dentro da gente e em todo lugar. De um espaço, que afinal é a própria travessia de todos aqueles que são, homens humanos.

Bachelard, falando sobre a imensidão dos espaços afirma que “*é por sua imensidão que dois espaços – o espaço da intimidade e o espaço do mundo – tornam-se consoantes. Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas solidões se tocam se confundem.*” (BACHELARD, 2000, p. 207). Talvez por isto os naturalistas já falassem da “*solidão do sertão*”, e Riobaldo falasse do “*sertão: estes seus vazios*”, que está em toda parte e é sem lugar, e ao mesmo tempo está dentro da gente. No sertão de Riobaldo estas duas grandes solidões realmente se confundem. Este sertão é o espaço do deserto do homem humano. Travessia de um deserto que é uma das mais poderosas e recorrentes representações do arquétipo da humanidade. Haja vista aquela travessia do Sinai. Aliás, as imagens destas travessias desérticas talvez auxiliem a tentativa da Geografia, de descortinar os

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

meandros da obra rosiana. Naquele outro deserto, do Sinai, do mesmo êxodo, da mesma travessia, da mesma epifania como mito fundante, do mesmo pacto sobrenatural, surge uma diferença: na aliança mosaica, este pacto deveria ser revigorado por um holocausto contínuo, que, como elemento tipológico, prefiguraria um acontecimento decisivo: a revelação e o sacrifício perfeito de Cristo.

Explicando esta relação um escritor bíblico⁶ afirma: “*possuindo apenas a sombra dos bens futuros, e não a expressão própria das realidades a lei é totalmente incapaz... de levar a perfeição*”.

Ou seja, a lei e os acontecimentos do Sinai, eram apenas uma sombra do grande acontecimento do calvário. Sombra, é a tradução da palavra grega, “*skia*”, que indica a sombra projetada por qualquer objeto, criando uma imagem opaca da realidade. Refere-se ao esboço ou à sombra criada pelo objeto que é a realidade. Indicava também uma prefiguração de algo que ainda iria acontecer (CHAMPLIN, 1985), isto é, uma tipologia de um acontecimento maior que desvendaria o primeiro. Talvez seja esta a função da Geografia, em qualquer uma de suas orientações, em relação à obra rosiana. Ela ofereceria apenas uma imagem, um esboço, opaco, um símbolo dentre outros, que indicaria o rumo da verdadeira revelação que foi a epifania demoníaca. Travessia.

Referências bibliográficas

AB´SABER, Aziz. Sertões e Sertanejos: uma Geografia sofrida. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP. V. 13, n. 36, 1999.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Las más recientes reflexiones sobre la evolución del pensamiento geografico. In. **Paisajes Geográficos**. Quito, Ecuador. n. 13, v.27, 1983 p. 16-28.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos. **Cadernos Paisagem, Paisagens**. N.3, Rio Claro, UNESP, 1998, p. 123-138.

⁶ Citação retirada da Bíblia de Jerusalém, 1985, Livro de Hebreus, Capítulo X verso 1. (p. 2252)

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e topocídio em Minas Gerais. In. OLIVEIRA, Livia (org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena. **O Roteiro de Deus**. São Paulo: mandarim, 1996.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura Brasileira. Brasília**: UNB, 1963.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2^a ed., São Paulo, Paulinas, 1985.

BOLLE, Willi. O pacto em Grande Sertão: Veredas- esoterismo ou lei fundadora. **Revista USP**. São Paulo, n. 36, p.26-45, Dezembro-Fevereiro, 1997-1998.

BOLLE, Willi. Guimarães Rosa: leitor de Euclides. **Brasil/Brazil**. Porto Alegre, n. 20, 1998, p. 9-41.

BOLLE, Willi. Diadorim: a paixão como médium-de-reflexão. **Revista USP**. São Paulo, n. 50, p.80-99, junho/agosto, 2001.

BOLLE, Willi. Representação do povo e invenção de linguagem em grande Sertão: Veredas. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 5 n. 10, p. 352-366, 1º sem. 2002.

CHAMPLIN, Norman Russel. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por versículo**. 5^a ed., São Paulo, Milenium, 1985

DENIS, Fedinand. **Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

GEERTZ, Clifford. **Negara: O Estado-Teatro no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Betrand Brasil. 1991.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2000.

FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa: Fronteiras, margens, passagens**. São Paulo: Editora Senac. 2003.

FACÓ, Rui. O romance do Sr. Guimarães Rosa e o problema da terra no Brasil. **Estudos Sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ. n 2, 1958, p. 185-189.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Aporia e passagem: a sobrevivência do trágico em Guimarães Rosa. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 5 n. 10, p. 122-128, 1º sem. 2002.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

FLUSSER, Vilém. Guimarães Rosa e a geografia. **Kriterion: Revista de Filosofia**. Belo Horizonte: UFMG, v.10, n.3, p. 275-278, 1969.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo, Hucitec. 1980.

JOHNSTON. R. J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo, Difel, 1986.

LIMA, Solange T. Travessia geográfica pelo Grande Sertão: Veredas. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 31-39, dez. 1993.

LIMA, Solange T. Percepção Ambiental e Literatura: espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas. In. OLIVEIRA, Livia (org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

LIMA, Solange T. Espaço e lugar no Grande sertão: veredas. **Veredas de Rosa II**. Lélia Parreira Duarte et.al (orgs.). Belo Horizonte: PUC Minas. CESPUC. 2003. p.765-769.

SPIX & MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**. 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, 1981, 3v.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: UFSC, 2002.

OLIVEIRA, Oliveira. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 5 n. 10, p. 234-242, 1º sem. 2002.

PIMENTEL, Sidney Valadares. **A festa de peão boiadeiro e a domesticação do sertão**. Goiânia: UFG, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2v.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SENA, Custódia Selma. A categoria Sertão: um exercício de imaginação antropológica. **Sociedade e Cultura**. Goiânia: Editora UFG. N. 1, v. 1, p. 18-28, jan./jun. 1998.

SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SENA FILHO, Nelson de. A Geopolítica do petróleo e a Petrobrás. In, Penna Lincon. **Três ensaios sobre a Petrobrás**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

SENA FILHO, N. (Org.) ; SANTOS, C. A. (Org.) . Estudos de Política e Cultura: Novos Olhares. 01. ed. Goiânia: Editora Vieira, 2006. v. 1000. 280 p.

SENA FILHO, N. (Org.) ; Moura (Org.) . Cidades: Relações de poder e cultura urbana. , 2005.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 62 – Geografias poéticas: figurações do espaço na literatura lusófona.

SENA FILHO, N.. O deserto de Deus e o Sertão dos Homens: Guimarães Rosa e o Deserto do Sinai. In: Salma Ferraz. (Org.). No principio era Deus e Ele se fez poesia. Acre: EDUFAC, 2008, v. , p. 03-352.

SENA FILHO, N.. O deserto de Deus e o Sertão dos Homens: Guimarães Rosa e o Deserto do Sinai. In: Salma Ferraz. (Org.). No principio era Deus e Ele se fez poesia. Acre: EDUFAC, 2008, v. , p. 03-352.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN. Yi-FU. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. **Sociedade e Cultura**. Goiânia: Editora UFG. N. 1, v. 1, p. 41-54, jan./jun. 1998.

WANDERLEY, Vernaide & MENÊZES, Eugênia. Do Espaço ao Lugar: uma viagem ao Sertão Brasileiro. In. OLIVEIRA, Livia (org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.